

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

A TERCEIRA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

FLÁVIO VAZ BRASIL

PORTO ALEGRE

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FLÁVIO VAZ BRASIL

A TERCEIRA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

PORTO ALEGRE
2016

FLÁVIO VAZ BRASIL

A TERCEIRA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras – Área de Concentração Escrita Criativa – no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt

PORTO ALEGRE
2016

AGRADECIMENTOS

Aos amigos Vitor Ramil, Giba Assis Brasil, Hique Gomez, Caio Riter, Claudio Levitan e Jaime Vaz Brasil pelos depoimentos para o vídeo **Exílio e Literatura;**

Aos professores Ricardo Timm de Souza, Juan Mosquera e Francisco Marshall pelos depoimentos para o vídeo **As palavras de Sartre;**

A Alessandro Souza por conceder minha dispensa docente neste último semestre na faculdade de publicidade da ESPM.

Aos amigos Diego Hofmeister e Regina Froener pela reunião marcada na FEPAM.

Ao geólogo Leonardo Torres da Silva (FEPAM), pelas explicações sobre o aquífero e pelo presente: um fragmento rochoso do aquífero.

A Arthur Teló por versar *água prende, água liberta* para o latim.

A Suzi Ito e Henrique Santini, meus sócios, por entenderem minhas ausências ao trabalho para poder assistir as aulas;

A Maria e Luísa, meus amores, por entenderem minhas ausências em casa, na escolinha e na pracinha;

Ao multitarefas Antonio Hohlfeldt, pelo tempo, atenção, orientação objetiva e empréstimo de livros;

A Luiz Antonio de Assis Brasil pelo que representa para a Escrita Criativa.

RESUMO

A Terceira Revolução Farroupilha é um libreto, criado para ser musicado, que conta a história do último reduto da América do Sul que resiste às tropas internacionais, cujo objetivo é tomar posse, em nome da liberdade, da democracia e do bem-estar internacional, do Sistema Aquífero Guarani.

A analogia à Revolução Farroupilha se dá pelo título, pelo ano em que se passa a narrativa (2035) e pelos personagens descendentes dos guerrilheiros de 1835. A questão da utilização e escassez da água norteia a ação, que tem como *leitmotiv* um singelo pedido de uma filha ao seu pai: “pai, quero água”.

Palavras-chave: Escrita criativa; Processo de criação.

ABSTRACT

The Third Farroupilha Revolution is a libreto, designed to be set to music, which tells the story of the last stronghold of South America not taken by global forces who want to take possession, in the name of freedom, of democracy and international well-being, of the Guarani Aquifer System. The year is 2035 AD and the last soldiers of the southern forces are on gaucho lands, ragged and poorly armed to defend the greatest wealth of the continent and of all the 21st Century: water.

Keywords: Creative writing; The creation process.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	A TERCEIRA REVOLUÇÃO FARROUPILHA	09
3	ENSAIO REFLEXIVO	50
	3.1 IDEIA INICIAL	51
	3.2 A ÁGUA	52
	3.3 UM TEXTO PARA MÚSICA	55
	3.4 REFERÊNCIAS LITERÁRIAS	58
	3.5 DIÁRIO DO PROCESSO	60
4	BIBLIOGRAFIA	75

1. INTRODUÇÃO

A ideia deste projeto completou dez anos em 2015. Entre ter a boa intenção e produzir algo escrito, foram precisos um decênio não muito heroico e o mestrado em Escrita Criativa da PUCRS. Sem o estímulo e o conhecimento de nomes como Assis Brasil, Antonio Hohlfeldt, Charles Kiefer, Carlos Baungartem, Maria Eunice Moreira, Juan Mosquera e Ricardo Timm de Souza - junto à responsabilidade de honrar estes mestres e a instituição, o projeto **A Terceira Revolução Farroupilha** não seria possível.

Na primeira parte deste documento está o poema-libreto. Na segunda, um breve cenário sobre problemática da água, as delimitações e referências criativas do autor e, por fim, o diário do processo criativo, seus acertos, erros, idas, vindas, retornos, produção e ócio decorrentes de todo o desenvolvimento de uma peça de criação.

2. A TERCEIRA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Ano de 2.035.

As tropas internacionais dominam a maior parte da área do Sistema Aquífero Guarani, em territórios da Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Resta apenas um ferrenho foco de resistência: guerrilheiros das forças meridionais estão em solo rio-grandense, esfarrapados e mal armados, para defender o seu direito à maior riqueza de todo o século XXI: a água.

INTERLOCUTORES:

- CORO
- COMENTARISTA
- PIRAY
- FILHA DO PIRAY
- EMISSÁRIO
- PAYADOR
- POLÍTICO
- GAÚCHO
- PARANÁ

CORO:

*O Conselho das Nações
interditou nossos atos.
Não acatamos propostas,
não vingamos ultimatros.*

*País sem discernimento,
de conduta inconsequente,
precisa ser protegido
por enfermo e deficiente.*

*O povo todo apoiou,
era para o nosso bem.
Trocamos nossos senhores,
continuamos reféns.*

COMENTARISTA:

No fundo das pedras vive o rio,
escolta de arenito e basalto,
arca sem Noé, a proteger o contrário:
o dilúvio de animais é o sacrifício das águas.

Afloramento:

água rochosa, bruta superfície.

Aquífero:

pedra, poros sem filtros.

Placenta pétrea

ou lápide das águas?

Pedra e água,

ostra e pérola.

País de cisternas.

Porões-palácios

de adegas clandestinas,

imersas na seiva dos seixos.

Águas perfuradas

não cicatrizam.

Escoam para cima,

apenas vertem e subvertem:

a sede é um negócio líquido e certo.

Nações unidas em protocolos naufragados.

Na garrafa, a mensagem transparente:

carta de corso

aos vendedores de água.

Alquimistas de veneno em ouro,
implementamos peçonhas agrícolas
ao fundo falso do solo,
no cadafalso do tempo.

CORO:

Por uma herança padrasta
de usufruto maldito,
fez-se inventário de sombras
a nos legar o conflito.

Correm réquiens no leito
hospitalar das aguadas.
Os menestréis em seu coro
cantam causas afogadas.

*Água é artigo de luxo, somente para recepções
oficiais entre países. Os homens comuns há tempos não
veem uma garrafa de água pura ou um córrego que não
esteja contaminado, impróprio para qualquer tipo de uso.*

A filha de Piray acorda à noite e chama pelo pai.

FILHA:

- Pai, eu quero água.

COMENTARISTA:

A frase bruta escorre pelos olhos.

PIRAY:

- Silêncio, minha filha.

COMENTARISTA:

O medo ensina a língua muda da angústia.

FILHA:

- Pai, eu quero água.

COMENTARISTA:

A aridez do afeto é afluyente da lágrima.

PIRAY:

- Se te escutam, me prendem.

COMENTARISTA:

No asilo de arrependimentos, um cemitério de eternidades.

FILHA:

- Pai, eu quero água.

COMENTARISTA:

A raridade das coisas desconta o Quinto à Coroa.

PIRAY:

- Dorme que a sede passa.

COMENTARISTA:

Mas não é sede, é saudade.

FILHA:

- Pai, eu quero água.

COMENTARISTA:

Timbre doce em armadura, tanto bate até que fura.

PIRAY:

- Faço um poço pra te dar.

COMENTARISTA:

Fronteira vertical, de fundo contrabando.

E assim fez:

sonda ao aquário interno,

coluna de água em conserva.

O Governo dos Estados Unidos do Brasil, integrado por países do Conselho de Segurança da ONU e do Conselho Mundial das Águas, determinou lei marcial para qualquer tentativa de apropriação da água para fins individuais.

PIRAY:

O poço sei que não posso,

sabia que não podia.

As tropas do Grande Norte

não toleram rebeldia.

Como se a sede fosse

uma líquida heresia.

A água foi um direito,

tornou-se mercadoria.

Crime comete um pai
quando aceita a assimetria
de uma justiça sem prumo,
condenada à letargia?

E todos nós persistimos
na constante anestesia,
triste escambo consentido:
conforto por afonia.

Vimos doutos governantes
rapinando à luz do dia.
Vimos donos de sementes,
indústrias de transgenia,

hectares de ração,
lavouras de asfixia.
Vimos tudo e assim deixamos,
vendemos nossa alforria.

Revoguei a lei da inércia
em foro íntimo, privado.
Compelido à atitude,
reneguei o aramado.

A prisão que me espera
não me fará limitado.
A liberdade cobra o dízimo
que é dormir acordado.

Ao tentar fazer um poço de água para dar de presente à filha, o personagem é preso por alta traição internacional e enviado para um dos presídios no nordeste dos Estados Unidos do Brasil. Na cela, descobre uma frase na parede.

COMENTARISTA:

Uma cela prende os séculos.

Engenharia triste de oclusas.

A maresia aprisiona o claustro.

Um fio de sol desce ao piso:

novelo amarelo em desfio,

pêndulo em morte aparente.

A pouca luz deste quarto

esconde as rugas escritas.

Pedra de Roseta decifrada,

caderno escavado em concreto.

Garimpo de frase incrustada:

mãos de bateia,

o olho tateia a parede

e para:

interroga a sentença imersa,

arada por mãos antigas:

Aqua carpit, aqua liberat.

Agosto 1837.

A frase em prisão perpétua.

Mas o tempo não faz prisioneiros:

raciona a pena de morte.

Estigma na casca do cárcere.

Quem tatuou a história na pele desta parede?

CORO:

Forte de São Marcelo.

Baía de todos os santos inexistentes,

disco pousado no mar, cilindro de divergentes.

Piray recebe em sua cela a visita de um emissário, aparentemente um religioso, simpatizante dos guerrilheiros meridionais.

EMISSÁRIO:

Que Deus esteja contigo.

PIRAY:

Deus não cabe nesta cela.

EMISSÁRIO:

Deus cabe em tudo o que vemos.

PIRAY:

Na morte que nos flagela?

EMISSÁRIO:

Escolhas somente humanas
têm a culpa do malfeito.

PIRAY:

O livre-arbítrio é o álibi
que faz o crime perfeito.

EMISSÁRIO:

Sou emissário do verbo.

PIRAY:

Um traficante da fé.

EMISSÁRIO:

Tenho a palavra bendita.

PIRAY:

Que sempre segue a maré.

EMISSÁRIO:

Vou te deixar este livro,
será a tua salvação.

PIRAY:

Vou encontrar dentro dele
as chaves desta prisão?

EMISSÁRIO:

Palavra pode ser mapa,
senha e passaporte.

Quem sabe faz-se o milagre
de te tirar deste forte?

PIRAY:

Palavra pode ser tudo:
promessa, fato e mundéu,

pode ser transluzidia,
verniz, cortina ou véu.

EMISSÁRIO:

O fato é que estás preso,
fizeste a própria armadilha.

Que mal maior tu esperas
dentro desta Bastilha?

PIRAY:

Não tenho mesmo importância,
sou só um pai cuja filha

pediu um pouco de água.
Não sou parte da guerrilha.

EMISSÁRIO:

Tens na revolta uma cota,
és sócio da rebeldia.

PIRAY:

Tive só passos passivos,
fui romeiro da utopia.

EMISSÁRIO:

Leia o livro que te trago,
terás conforto e auxílio.

Ou queres passar a vida
com a alma no exílio?

PIRAY:

É esta a tua ambição?

EMISSÁRIO:

Sou somente um missionário.

PIRAY:

E tua missão se refere?

EMISSÁRIO:

Ser da palavra, estuário.

PIRAY:

Não creio em tua espécie.

Onde há Deus, há usurários.

EMISSÁRIO:

Não salvas nem marinheiros?

Onde há água, há corsários?

PIRAY:

Me diga quem é ventríloquo,
se é Deus ou o religioso?

EMISSÁRIO:

E quem aperta o gatilho,
o néscio ou o virtuoso?

Somos duplos refletidos
em galeria de espelhos.

Bem e mal são siameses,
competidores parelhos.

EMISSÁRIO:

As guerras são sempre a mesma.

PIRAY:

Os motivos são sempre iguais.

EMISSÁRIO:

O poder, a economia, as posses territoriais,

PIRAY:

etnias diferentes, as religiões abissais.

EMISSÁRIO:

Abra a página dezoito,
veja a linha trinta e sete,

Aqua carpit, aqua liberat.
a frase que te compete.

PIRAY:

A parede está no livro?
O livro está na parede?

Por quem teces a trama?
Por quem jogas a rede?

PIRAY:

Não és quem dizes ser.

EMISSÁRIO:

Nem tu és tão transparente.

PIRAY:

Sei quem sou, não me disfarço.

Não tenho chefe ou regente.

EMISSÁRIO:

Temos sempre a quem seguir,
nós não minguamos por isso.

O respeito é uma honraria,
não nos torna submissos.

EMISSÁRIO:

Aqua carpit, aqua liberat.

Oração remanescente,
foi o plano dos Sabinos
- casta dos inconfidentes -
para libertar o homem,
aqui então residente.

PIRAY:

Esta lenda ou esta história
não me é indiferente.
Mas não lembro o personagem,
não recordo o penitente,
talvez fosse um mercenário,
um libertário indigente.

EMISSÁRIO:

Este quadrado onde estás
não é teu por acidente.
Esta frase esculpida
é de um velho combatente.
Bento Gonçalves da Silva,
o General Presidente.

PIRAY:

Depois de Fanfa, o Rio,
depois do Rio, a Bahia.
Será a data de Bento,
e benta a caligrafia?

Bento preso neste forte
'Água que prende' é a ilha?

37: ano segundo
da Primeira Farroupilha.

Água que solta é a fuga
a nado, até um lanchão
que o esperava ancorado
em vaga conspiração?

Estou mesmo encarcerado
na cela que foi de Bento?
Ou é a ilusão do desejo
psicografado em cimento?

Um sinal? Obra do acaso?
Nem sei em que acredito.
Há inventores de deuses
e mercadores de mitos.

Não importa qual a causa
mas interessa o efeito,
me serve como centelha.
Se é um chamado, aceito.

Portanto, se me libertam,
me junto aos meridionais
a combater 'salvadores',
seus discursos e arsenais.

COMENTARISTA:

Memória:

adega do espírito,
reserva prazerosa do passado.

Memória:

adaga do espírito,
estoque pesaroso do passado.

Qual delas elegemos
para ocupar o seu posto?
As lembranças têm papilas
a traduzir o seu gosto.

Pode ser vestígio, rastro,
sombra sob o tapete.

Pode ser vaidade, lastro,
retratos em gabinete.

Ou apenas ser miragem
coletiva, enclausurada
no bronze frio das estátuas.

Somos posseiros de acontecidos,
meeiros de outras vidas.

O tempo
dança os sete véus pelo avesso:
calendários tecem encobrimentos.

Tradição:

vida entre aspas,
passagem de bastão em maratona eterna,
prótese da memória.

Autobiografia:

cirurgia cosmética,
escrita em páginas de espelhos tortos.

Indústria das circunstâncias.

Prêt-a-porter da metáfora.

Árvore transcorrida

pela genealogia do símbolo.

Espólio de fósseis em monumentos.

Biografia genética, reputação latente.

Vestígio dos mortos no fundo de um gesto.

O assassinato é congênito?

Ser herói é hereditário?

O arrendamento da história

tem preço

de antiquário.

O emissário se apresenta e descreve a missão designada a Piray.

EMISSÁRIO:

Eu sou Manoel Ribeiro:

te chamam de Piray.

Quem tem a água no nome,
não se permite fugir.

Tu és filho dos Farrapos

da linhagem do Seival.

Conheces bem as fronteiras,
sabes da Banda Oriental.

Em sigilo resistimos,

apoiamos a guerrilha.

Precisamos da imagem
de um líder Farroupilha.

Não farão falta os mapas

a quem conhece o caminho.

Irá contigo um grupo,
não viajarás sozinho.

És descendente de Netto
e afilhado de Bento.
A guerra está em teu corpo,
tens o gen em testamento.

Em Mato Grosso do Sul
começa teu movimento.
Irás até o Uruguai,
costeando o afloramento.

Percorre desde São Paulo,
Ribeirão Preto, Botucatu,
Torre de Pedra, São Carlos,
Brotas e Trabiçu.

No Paraná, São Jerônimo
deve estar na trajetória.
Reúne homens e acampa
em União da Vitória.

De Porto União a Lajes,
conclama os catarinenses:
o continente das águas,
o aquífero, nos pertence.

De Torres a Porto Alegre,
em Livramento e Bagé,
“esta água já tem dono”:
relembra o mito Sepé.

Todas as formas de captar imagens da terra são propriedade de organizações internacionais. Latitudes e longitudes são controladas por sistemas virtualizados. Regiões estratégicas não constam nos mapas oficiais. Todos os mapas antigos foram confiscados.

COMENTARISTA:

Quando o último topógrafo
tombou por fuzilamento,
calaram azimutes e rumos,
distâncias e alinhamentos.

Restaram só os que liam,
nos sistemas oficiais,
falsas linhas e imagens
forjadas poligonais.

A verdade não tem mapas.
Não há mapas verdadeiros:
as coordenadas da terra
estão nas mãos de grileiros.

Altimetria fantasma,
cartografia ilusória,
glebas ocultas, mas vivas
na oralidade da história.

Piray é resgatado do Forte de São Marcelo, em uma fuga encoberta pelos seguranças e diretores da prisão.

PIRAY:

A segurança da causa
exige venda e capuz.
Vozes me tiram da cela,
são como as vozes da luz.

Cego esgrimando a calçada,
andarilho de passos medidos,
a régua em braile do piso,
e a tradução dos ruídos.

Na torre velha do forte
uma bandeira blasfema:
na pátria dos degredados,
americanas algemas.

No lábaro que açoita o vento
não há cores brasileiras.
Não fomos nem convidados
ao tratado das fronteiras.

Embarco, ainda no escuro,
num tosco navio pesqueiro.
Já sem venda me apresento
a um outro passageiro.

Piray, mucho gusto.

PARANÁ:

Paraná, a seu dispor.
Iremos até Ilhéus,
deixaremos Salvador.

Cruzaremos por Goiás
até chegar Campo Grande.
Nos aguarda a Coluna
da qual serás comandante.

Alardearemos tua fuga
como um grande e heroico feito.
Paladinos, salvadores,
sempre causam grande efeito.

PIRAY:

Caminhamos sobre as águas
desde que estamos no mundo.
Mas inventar um messias
é sempre algo fecundo.

Os homens vivem das lendas
que lhes ensinam na vida.
A reação químico-mítica
o pensamento oxida?

Em Mato Grosso, iniciando sua viagem ao sul do Brasil, Piray assiste a uma conversa entre um político em campanha e um provável eleitor (trova de desafio).

POLÍTICO:

Meu amigo, meu parceiro,
precisamos de união
para tirar os patifes
que afundam nossa nação!
Preciso do teu apoio,
teu voto nesta ocasião.

ELEITOR (GAÚCHO):

Meu voto nesta ocasião
não irá para o amigo.
Aprendi a muito custo
a separar joio do trigo.
Pois sei que vossa excelência
legisla pro seu umbigo.

POLÍTICO:

Legislo pro meu umbigo
em respeito à anatomia.
Pois o umbigo nos livra
da tal anorexia.
Quem sou eu para dar contra
à nossa mãe biologia.

ELEITOR (GAÚCHO):

Nossa mãe biologia
pariu tanta desgraceira...
Quando passa pelos filhos,
esconde a própria carteira.
Deve viver depressiva,
cara de segunda-feira.

POLÍTICO:

Segunda-feira é bem boa,
estou sempre de recesso.
O tal ócio criativo
muito usamos no Congresso
para armar os conchavos,
para fugir dos processos.

ELEITOR (GAÚCHO):

Não vão fugir para sempre,
concílio de marginais.
Juiz e réu são o mesmo,
arremedos de tribunais.
Lotearam os nossos rios,
venderam os mananciais.

POLÍTICO:

Vendemos os mananciais
porque somos solidários.
Da água somos apenas
seus fiéis depositários
(e nos renderam depósitos
na Suíça, milionários).

ELEITOR (GAÚCHO):

Na Suíça, milionários.

No Brasil, bem populares.

Com imunidade às leis,

temos vis parlamentares

que formam seus sucessores

em negociatas e altares.

POLÍTICO:

Em negociatas e altares,

que palavras tão hostis.

Recepções e palácios

são verdadeiros covis.

És inculto, desconheces

como se faz um país.

ELEITOR (GAÚCHO):

Eu não sei de muitas coisas,

mas xucro não considero.

Não me assombra um literato

nem me assusta o quero-quero.

Sou gaúcho e jogo osso

Com o ilíaco de Homero.

CORO (fala):

*O Laçador de Caringi
(Gaúcho Bronze de Rillo),
o ideal de nobreza,
o rio-grandense de Milo.*

*Se há um molde possível
não estará na estampa,
mas entranhado nas dobras
do pala interno da pampa.*

CORO (canto):

Gaúcho não é quem toma o seu chimarrão
ou quem no domingo se veste de peão.
Não é quem diz *a la pucha, barbaridade, ermão*.
É mais do que um complicado aperto de mão.

Gaúcho não é quem baila *bugio, rancheira e vanerão*
nem *chula* com lança, nem dança com facão.
Não é personagem, caricatura, piada de galpão.
É mais, muito mais, que um programa de televisão.

Gaúcho não é só campo, churrasco, inverno e revolução,
cavalo, poncho e pala, guaiaca, espora e marcação.
Não é lenço no pescoço, jogo do osso, fogo de chão,
é mais que um bigode gigante, bombacha elegante na Exposição.

Ser gaúcho é mais que isso,
não cabe juiz ou réu.
Pra ter alma e coração
não precisa usar chapéu.

Ao chegar ao sul do Brasil, Piray é levado a uma grande reunião, sendo apresentado como novo integrante de uma fraternidade secreta, atuante desde 1850, na América Latina.

CORO (inscrição numa lápide):

A morte não vive no morto,

o morto vive no vivo.

A morte existe pro vivo

nem nada existe pro morto.

PARANÁ:

Campo Santo de Bagé:

ruas de eterno acampamento

(todos seremos expostos

em museus de esquecimento).

Neste viveiro de mortos,

Obra insepulta de arte,

arquivo frio de ex-corpos,

há voluntários de marte.

Quem entra pelo portão

vê um anjo carpideiro

(que o tempo amputou as asas:

duplo imóvel escudeiro).

Sob o túmulo de Netto,
a sala de um palacete.
Imortais que continuam
em atávico piquete:

grupo de descendentes
de soldados, libertários,
que há mais de duzentos anos
formam corpos legionários.

Guardiões de velhos mapas,
estes confrades lendários
sabem de todas as terras:
se chamam *Perpetuários*.

Na mesa de boa altura
e dois séculos de comprimento,
velhas histórias se encontram
sob um mesmo juramento.

Teatro de Sudamérica,
os nomes nos camarins:
Artigas, Lopez, Caxias,
Bolívar e San Martín.

COMENTARISTA:

Cais de árvores.

Âncoras exóticas.

Relógios de sol de outros fusos.

Metros de língua e lenho em rota descendente,
quilômetros de bocas de tanino e celulose.

Trocamos florestas de endereço
e não pagamos o frete.

A pedra é o osso da terra
e mineramos suas vértebras.

Promissórias do descaso,
contratos de imperícia,
rubricas de analfabetos.

Chacina de Mariana,
assassinos amadores
deixando todos os rastros.

Na língua de lodo ferina
desce o verbo final:
nenhum rio vale,
nenhum rio vale,
nenhum rio vale.

Somos um câncer de ofício,
metástases corporativas,
parasitas residuais.

Assim foi, é e será.
Do pó ao pó, sem prisioneiros.

Diário de Piray, em texto provavelmente destinado a sua filha.

PIRAY:

Que Verne imaginaria,
na mais fértil ficção,
que voltaríamos a ter
cartas escritas a mão?

Em pleno tecno-século,
de liberdade restrita,
estamos todos ligados
a uma ampla guarita.

O Grande Irmão, sentinela,
infiltrou-se, convidado:
viramos peso e carcaça
rastreados como gado.

Dentro de casa, nos bolsos,
nos pulsos e nos sapatos,
ficamos bem adestrados
a declarar nossos atos.

Uma das tantas vacinas
recebidas na infância
inoculou marcadores,
nos transmitiu vigilância.

Protegidos pelos pares,
os *Perpetuários* infantes
recebemos contradoses
contra o corpóreo informante.

Por isso, não existimos
aos olhos do Grande Irmão.
Talvez nem nos pressintam
os *bureaus* de informação.

Somos milhares em armas:
argentinos, paraguaios,
o Rio Grande os recebe
como aos irmãos uruguaios.

O sol é o soldo farrapo,
disse Fontoura em diário.
O aquífero é o cálice:
por ele somos Templários.

Pelas bandas de Rivera, Piray escuta a palestra de um oficial graduado, de sobrenome Braun, talvez descendente de um grande payador do século XX.

PAYADOR:

George Custer, General,
um milico lá dos gringo,
nome com roupa de domingo
que batizou o canal
aqueduto internacional
homenageia estrangeiros
comandantes, carneiros
dos governantes do norte
embaixadores da morte
de muitos índios guerreiros.

Homenagem? Ofensa, aviso
a todos os brasileiros:
que fiquem mansos, cordeiros
tomem tenência, juízo
que o oposto ao paraíso
poderá ser o cenário
resultado tributário
aos indomáveis da terra.
Povo que gosta de guerra
constrói seu próprio calvário.

Fortaleza protegida
por forças ditatoriais.
Duas mil armas letais
a tutelar a jazida.
Fenda de água, ferida
aberta em vil transfusão
que há anos, desde a invasão,
levam assim, em fartura
pois perdemos a escritura
da nossa própria nação.

Tomar de assalto a adutora
é retirar a encilha,
a garra que nos humilha,
é conduta redentora.
É a aurora precursora
de quem não nasceu vencido.
Mesmo com muito bandido
entre quem nos representa,
o mal que nos violenta
haverá de ser banido.

Começar esta empreitada
é como pisar em cruzeira:
quem passa na dianteira
deixa a fera enrodilhada.
Ela arremessa a picada
em quem vem logo em seguida.
E é bruta esta mordida,
a peçonha é um chicote,
se a serpente acerta o bote
fica difícil a lida.

Diário de Piray, em texto destinado a sua filha.

PIRAY:

Não trouxe fotos comigo
para ajudar na lembrança.
Nem sei o teu endereço,
dizem que por segurança.

Queria contar uma história
de fadas, bosques, princesa.
E depois te convencer
a não dormir com a luz acesa.

Queria ser anunciado
com o teu “papai chegou”
e não com uma continência,
pois nem soldado eu sou.

Queria abrir nossa porta
e em teu abraço entrar.
Respirar o teu sorriso,
queria apenas chegar.

*Rosário do Sul, 10 de setembro, um dia antes do
ataque que irá deflagrar oficialmente a Terceira Revolução
Farroupilha.*

PIRAY:

Por este tempo passado
costeando o afloramento,
vi promessas flutuantes
em Rocinantes de vento.

Passei por muitos lugares,
vi miséria em muitos atos:
a real e a encenada
por seitas e sindicatos.

Nem direita, nem esquerda:
extremos, ideias cruas.
Vi partidos ambidestros:
sempre roubando com as duas.

Amanhã será o dia:
entraremos no aqueduto.
Quem perder menos na pega
poderá sorrir o luto.

Setembro de trinta e seis,
setembro desta Terceira.
Em Nova Iorque ou Seival,
onze é data sangradeira.

Em que vaga quedaremos?
Justiceiros? Terroristas?
Terá nossa narrativa
bons futuros manobristas?

Mas hoje, o que nós somos?
Revoltosos? Legalistas?
Ou a resposta precisa
de historiadores-legistas?

Agora chegou o emissário,
o do forte, mensageiro,
que a mim se apresentou
como Manuel Ribeiro.

Dizem ser bom comandante,
estrategista capaz.
Esteve em diversas guerras,
esteve em forças de paz.

Se antes havia dúvida
de nossa amarga vitória
com ele, agora, sabemos:
não será uma luta inglória.

Trouxe armamentos e homens,
dizem que são de aluguel.
Soube que também é Bento:
major Bento Manuel.

3. ENSAIO REFLEXIVO

3.1 A IDEIA INICIAL

O título **Terceira Revolução Farroupilha** – que é a ideia central do projeto – foi retirado do conto “A caverna”, de André Daniel Reinke, publicado em **102 que contam**, organizado por Charles Kiefer (2005, p. 47):

Eu estou dentro da caverna, protegido pela estreita abertura que não permite a passagem do Giganotossauro – um magnífico dinossauro com quinze metros de comprimento e oito de altura, dez toneladas do maior predador que já viveu na face da Terra. Sua mandíbula é assustadora, armada com dentes de quinze centímetros que ele insiste em mostrar através da entrada do nosso esconderijo. Estamos presos, sem poder sair. Tenho que pensar em algo. Precisamos sair desta caverna.

Olho ao meu redor e encontro meus companheiros do pelotão abatidos em seu moral e extenuados pelo esforço de escapar da fera. No canto oposto ao meu está o capitão J.C., veterano de longas batalhas. Lutou na Terceira Revolução Farroupilha e foi laureado como herói da independência da República Federativa Gaúcha...

A **Terceira Revolução Farroupilha** não possui mais nenhuma relação com o texto “A caverna”, além do título. Porém, o conceito de intertextualidade permanece, pois a obra traz personagens e passagens análogas à Revolução Farroupilha, sem pretender recontar as escaramuças iniciadas em 1835.

A Guerra dos Farrapos serve apenas como referência, tendo como elementos agregados a preservação dos mananciais de água, a riqueza mineral guardada em grande parte sob o território do Rio Grande do Sul e a soberania dos Estados frente a invasões de potências bélicas sob pretextos duvidosos.

A **Terceira Revolução Farroupilha** remete ao passado e ao futuro. Não é um trabalho sobre os Farrapos, mas utiliza em seu título uma transfusão de identidade com o *decênio heroico* e o mito do gaúcho. O tempo futuro é claro e, aparentemente, distante. Seria preciso ocorrer a Segunda Revolução para que aconteça a Terceira. Portanto, o título já posiciona a obra como ficção e futuro.

3.2 A ÁGUA

Consumimos mais água doce do que o ambiente consegue produzir.

A escassez de água potável é uma realidade mundial, tanto pelas diferenças de desenvolvimento entre regiões, quanto pela má utilização dos recursos hídricos.

De acordo com os números apresentados pela ONU - Organização das Nações Unidas - fica claro que controlar o uso da água significa deter poder. As diferenças registradas entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento chocam e evidenciam que a crise mundial dos recursos hídricos está diretamente ligada às desigualdades sociais. Em regiões onde a situação de falta d'água já atinge índices críticos de disponibilidade, como nos países do Continente Africano, onde a média de consumo de água por pessoa é de dezenove metros cúbicos/dia, ou de dez a quinze litros/pessoa. Já em Nova York, há um consumo exagerado de água doce tratada e potável, onde um cidadão chega a gastar dois mil litros/dia.

Segundo a Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), menos da metade da população mundial tem acesso à água potável. A irrigação corresponde a 73% do consumo de água, 21% vai para a indústria e apenas 6% destina-se ao consumo doméstico... A cada ano, mais 80 milhões de pessoas clamam por seu direito aos recursos hídricos da Terra. Infelizmente, quase todos os 3 bilhões (ou mais) de habitantes que devem ser adicionados à população mundial no próximo meio século nascerão em países que já sofrem de escassez de água. Numa economia mundial cada vez mais integrada, a escassez de água cruza fronteiras, podendo ser citado como exemplo o comércio internacional de grãos, onde são necessárias 1.000 toneladas de água para produzir 1 tonelada de grãos, sendo a importação de grãos a maneira mais eficiente para os países com déficit hídrico importarem água.

Calcula-se a exaustão anual dos aquíferos em 160 bilhões de metros cúbicos ou 160 bilhões de toneladas. Tomando-se uma base empírica de mil toneladas de água para produzir 1 ton. de grãos, esses 160 bilhões de toneladas de déficit hídrico equivalem a 160 milhões de toneladas de grãos, ou metade da colheita dos Estados Unidos.

Os lençóis freáticos estão hoje caindo nas principais regiões produtoras de alimentos: a planície norte da China; o Punjab na Índia e o sul das Great Plains dos Estados Unidos, que faz do país o maior exportador mundial de grãos.

A extração excessiva é um fenômeno novo, em geral restrito a última metade do século. Só após o desenvolvimento de bombas poderosas a diesel ou elétricas, tivemos a capacidade de extrair água dos aquíferos com uma rapidez maior do que sua recarga.

(fonte: <http://www.cetesb.sp.gov.br/agua/%C3%81guas-Superficiais/37-O-Problema-da-Escassez-de-%C3%81gua--no-Mundo>)

Entre as riquezas minerais do planeta que foram e são grandes demandantes de conflitos, estão o ouro, o diamante, o petróleo e a água. Os conflitos pelo também chamado *ouro azul* não são novidade, mas tendem a se agravar pela raridade da sua potabilidade.

A ONU prevê que em 2050, 52% da população mundial viverá em áreas de estresse hídrico, sendo que o mundo consumirá 55% mais água e o uso industrial aumentará 400%.

Mas não precisamos de dados internacionais para entender a gravidade e o descaso com o assunto. Segundo o biólogo e professor da Unisinos Jackson Müller, em entrevista publicada no jornal Zero Hora, de 7 de outubro de 2015, no Rio Grande do Sul apenas 12,58% do esgoto é tratado. E entre os 10 rios mais poluídos do Brasil, três estão na Grande Porto Alegre: Gravataí, Sinos e Caí.

Sistematicamente, governos veiculam campanhas de conscientização para o bom uso da água. Mas é sabido que cerca de 37% da água brasileira é perdida por vazamentos nas tubulações ou ligações irregulares. Porto Alegre registra uma perda de 24,6% entre a captação e a casa do consumidor.

A especialização humana em transformar o ambiente em infinito aterro sanitário é inegável. Isso acontece na superfície da terra, no espaço estratosférico, com toneladas de lixo espacial e nas entranhas do planeta, com o envenenamento constante dos mananciais, por todos os tipos de resíduos tóxicos de indústrias, mineradoras e do agronegócio.

O Sistema Aquífero Guarani é uma das maiores reservas de água subterrânea do mundo. Mas apenas uma pequena parte é utilizável, a maior dela sob o solo brasileiro e gaúcho.

O Sistema Aquífero Guarani (SAG) é um corpo hídrico subterrâneo e transfronteiriço que abrange parte dos territórios da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai. Possui um volume acumulado de 37.000 km³ e área estimada de 1.087.000 Km². Na parte brasileira estende-se a oito estados: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. (Fonte: <http://www.mma.gov.br/agua/recursos-hidricos/item/8617-aqu%C3%ADfero-guarani>)



É fundamental que busquemos alternativas sustentáveis para as crescentes exigências de água para produção de alimentos e para as necessidades básicas das populações dos campos e cidades. E isto de modo global, talvez com um utópico gerenciamento internacional dos recursos não renováveis.

3.3 UM TEXTO PARA MÚSICA

O que aí vai não sei verdadeiramente o que é; chamei-lhe ópera cômica, outros dirão que não passa de uma coleção de maus versos, sem metrificação, sem harmonia.

Não importa. Se alguns dos nossos jovens compositores entenderem que isto merece as honras do teatro, a melodia da música disfarçará a dissonância da versificação...

Não espero nada de semelhante publicação; pois ninguém ignora que a poesia lírica de uma ópera fica inteiramente obscurecida pela música...

Na Itália, o poeta de óperas, ou o fazedor de versos, é um empregado como o contrarregra, o ponto, o pintor de vistas; ele pertence ao maquinismo do teatro; com a simples diferença que exerce a sua arte sobre palavras, enquanto os outros a exercem sobre o cenário.

À vista disto, creio que não entrará na cabeça de ninguém pretender uma mínima parcela de glória escrevendo uma ópera; isto é, a mais absurda, e a mais extravagante das composições dramáticas, a que só a música com o seu mágico poder anima e dá vida.

Ao contrário, fazer uma ópera deve ser, e é, para um homem que tenha um pouco de gosto literário, um sacrifício; sacrifício de tempo, sacrifício de ideia, sacrifício de personalidade; porque nesse gênero de drama é muitas vezes preciso que o pensamento do autor se modifique, para subordinar-se à inspiração do professor.

Entretanto, é mister que aqueles que amam a música façam esse sacrifício; outros, segundo me consta, já deram o exemplo; seja-me permitido pois, apresentar também a minha pequena oferenda no templo das artes...

Eis o que julgo necessário dizer àqueles a quem dedico esta ópera; aos literatos não me dirijo, porque já adverti que isto não é um trabalho feito com esmero; é uma simples tela em branco que o compositor se incumbirá de colorir.

Finalmente, tendo sido o meu desejo, escrevendo isto, somente o ver uma ópera nacional de assunto e música brasileira, cedo de bom grado todos os meus direitos de autor àquele que a puser em música o mais breve possível.

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1857.
José de Alencar.

O prefácio do libreto **Noite de São João**, de José de Alencar, resume a pretensão do formato desta obra. Não tenho claro em qual estante estaria classificada: libreto para ópera, opereta, comédia musical, teatro musicado ou simplesmente um livro de poemas? Na ópera, e em suas variações, a música é a dona do camarim, o texto é subalterno e está a seu serviço. Já no teatro musicado, os pesos se alteram, recebendo mais força a palavra falada. Na poesia, até as pausas ficam em silêncio para ouvir os versos.

A **Terceira Revolução Farroupilha** não se pretende uma ópera ou um musical. Antes, um grande poema pensado como uma canção única, de cunho popular. Mas, diferentemente da música popular brasileira, transitam na trama-canção personagens que contribuem para contar a história proposta. E isto aproxima a obra novamente da ópera.

Esta definição ou classificação não é relevante para definir fronteiras de gêneros, apenas para estabelecer um contrato de leitura com o receptor, apresentando a intenção criativa do projeto (LEJEUNE, 2008).

A decisão de formato passa, evidentemente, pelas preferências e aptidões do autor. Além desta configuração lítero-musical ser pouco comum no Brasil e em nosso estado - podendo trazer uma possibilidade maior de divulgação para a obra - um poema musicado cabe nas possibilidades criativas do escriba, que se define como um compositor popular de produção bissexta, tendo já discos e livros lançados.

Vale atentar ao fato de que um texto, para ser musicado, só estará terminado após todos os versos receberem melodia, podendo ser considerado uma obra em elaboração, até que seja feita sua partitura ou sua gravação em estúdio. Flávia Camargo Toni, no artigo “Ópera: uma composição a várias mãos” reforça esta ideia, ao dizer que ao se receber a “encomenda de um libreto de ópera, tem início um compromisso de trabalho entre ele [o escritor] e

o músico que, em maior ou menor grau, configura uma parceria na qual o texto literário permanecerá aberto até que a partitura chegue a um formato”.

(Fonte: <http://www.ieb.usp.br/marioscriptor/escritos/opera-uma-composicao-a-varias-maos.html>).

No que tange a este trabalho, onde poeta e musicista são a mesma pessoa, o processo de desenvolvimento do poema já considera a intenção rítmica e os atalhos que facilitam a composição, como versos metricamente proporcionais e rimas alternadas nas estrofes.

Não obstante, **A Terceira Revolução Farroupilha** deverá funcionar como um livro de poemas. Deve ter qualidade literária suficiente para não envergonhar autor, orientador e banca.

Salvo canhões de artilharia e bombas morais de intermediários de um deus sanguinário, a música é uma linguagem com maior poder de conquista do que a literatura. A carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel, escrita em 1º de maio de 1500 - comunicando o esbarrão acidental da frota de Cabral nos cerca de 8 mil quilômetros de costas brasileiras - dá conta desta assertiva, relatada pelo crítico e historiador José Ramos Tinhorão em **História social da música popular brasileira**:

... e, então, um antigo almoxarife de Santarém chamado Diogo Dias, por *ser homem gracioso e de prazer*, resolveu atravessar o rio para o lado em que se encontravam os índios: e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita (TINHORÃO, 1998, p. 38).

A gaita em questão é uma gaita-de-foles, então “o mais popular instrumento da gente do campo em Portugal” (TINHORÃO, 1998, p. 38). A gaita fazia dupla com o tamboril, um instrumento de percussão, assemelhado a um tambor, porém com som mais agudo, lembrando um tarol. A música, como porta de entrada aos corações e mentes humanos, é uma antiga tática também utilizada nestas terras pelos jesuítas:

Em carta escrita da Bahia em 5 de Agosto de 1552 pelo padre Francisco Pires em nome dos meninos órfãos enviados ao Brasil para atrair à Igreja os meninos índios,

pediam os missivistas ao padre reitor em Lisboa lhes mandasse *algunos instrumentos para que acá tañamos (imbiando algunos niños que sepan tañer), como son flautas, y gaitas, y nésperas ('son instrumentos', como está anotado à margem da carta), y unas vergas de yerro com unas argollitas dentro, las quales tañen da[n]do con um yerro en la verga; y un par de panderos y sonajas... Si viniessse algún tamborilero y gaitero açã, parézeme que no haveria Principal [chefe indígena] no diese sus hijos para que los enseñassen* (TINHORÃO, 1998, p. 39).

Conquistar público com apoio da música não é novidade. Ser um poema e depois ser um poema musicado traz uma possibilidade de atingir outros públicos (neste momento, o escriba está delirando) e outros formatos, como áudio, palco e vídeo, potencializando o alcance (que será mínimo) da obra.

3.4 REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

O desenvolvimento do texto dos personagens tem por base a *gauchesca*¹ e seus descendentes, passando pelo cancionero da revolução de 1835², *cantos de monarquia*³, pelos criadores da música tradicionalista e nativista gaúcha⁴, sem excluir formatos como o *rap*⁵ ou outras manifestações facilmente identificáveis, pelo ritmo, e que tenham por objetivo contar uma história.

¹Tradição literária iniciada em 1877, com o poema “Canta un guaso en estilo campestre los triunfos del Excelentísimo Señor Don Pedro de Cevallos”, do padre Juan Baltasar Maziel (1727-1788). Tem por característica dar voz ao homem simples, aproximando a língua escrita da falada, com conteúdo político explícito (FISCHER, 2012).

² Ver **Cancionero da Revolução de 1835** : PORTO ALEGRE, 1981.

³ Quadras de exaltação ao homem do campo. Segundo Augusto Meyer, estes cantos tem por tema a idealização da vida pastoril do gaúcho, o monarca da pampa.

⁴ Visão do autor: a música tradicionalista é conservadora, está atrelada aos clichês e determinações do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), enquanto que a nativista une a tradição com o contemporâneo, reunindo poetas e compositores alinhados com os ideais da Califórnia da Canção Nativa, festival de música criado em 1971, em Uruguiana, no sentido de modernizar a poética gauchesca.

⁵ Estilo musical onde o cantor fala rapidamente a letra, em vez de cantar, sempre utilizando rimas nos versos. Está relacionado à cultura *hip hop*.

Podemos definir o personagem central como um Martín Fierro⁶ cidadão que, se não é alistado à força pelo exército, não se vê muito distante das correntes coloniais impostas pela nova ordem mundial. A condução dos versos pelo personagem Piray, com narrativa em primeira pessoa, referencia a obra de José Hernandez - alternando quadras e sextilhas - e as criações dos *payadores*, com utilização de estrofes com oito ou dez versos, com oito sílabas métricas, que seguem a estrutura de rimas ABBCCDDC e ABBAACCCDDC⁷.

*Rude bebida campeira
Sumo de cana esmagada,
China maula desgraçada
Que meus penares encharcas,
Jamais se apagam as marcas
Do teu fascínio maldito
Que faz virar num proscrito
O mais bagual dos monarcas!
(“Canha”, estrofe 1, Jayme Caetano Braun)*

*Panela de carreteiro,
dos tempos da monarquia
em constante romaria,
no velho pago campeiro,
regalo de um missioneiro
que me ofertou – de presente,
mas agora – indiferente,
a uma amizade sadia,
vive a sonhar – noite e dia,
chorando a panela ausente!
(“Milonga da Panela”, estrofe 1, Jayme Caetano Braun)*

Já os textos do comentarista serão em verso livre, atendo-se aos poetas contemporâneos brasileiros e sul rio-grandenses como João Cabral de Mello

⁶ Personagem do clássico da literatura dita gauchesca, **El Gaucho Martín Fierro**, escrito pelo argentino José Hernandez (1872).

⁷ Esta estrutura está presente na maioria das *payadas* – poemas de improviso – criadas pelos *payadores*. Jayme Caetano Braun é o maior exemplo deste tipo de *gauchesca* no Rio Grande do Sul.

Neto, Manoel de Barros, Aparício Silva Rillo, Jaime Vaz Brasil e Fabrício Carpinejar.

3.5 DIÁRIO DO PROCESSO

1º.06.2015

Terminei um dos livros que o Hohlfeldt recomendou, o **Diário**, do Vicente da Fontoura. Belíssima leitura. Diferente de todos os outros que li sobre a Farroupilha. Nunca havia pensado na necessidade de troca frequente de acampamento, não apenas pela questão do posicionamento do inimigo, mas pela necessidade de pasto para a cavalaria e para os bovinos que deveriam acompanhar a tropa. Fontoura reclamava sempre da qualidade da água. A visão de dentro é muito interessante. E o componente afetivo, a saudade, a distância que a Revolução decretou entre as famílias, é um enredo nada épico mas muito verdadeiro. E fiquei surpreso com a geografia da história, pois conheço alguns dos campos onde se aquartelavam os revolucionários.

30.06.2015

Depois de instalar um quadro branco com dois metros de comprimento e comprar *post-its* de diversas cores, estou armado para fazer um plano do poema. Este conjunto quadro/*post-it* é a adaptação de um sistema de gestão à vista. Nunca criei desta forma planejada, esquematizada. Mas vou tentar. Se der certo, será muito mais fácil.

Tenho apenas um título e todas as dúvidas. É necessário mesmo estar no século XXII (2.163)? A questão do tempo é fundamental e perigosa. Não pretendo fazer ficção científica. Como as guerras me parecem todas estúpidas e com causas semelhantes (o poder em todas as suas formas), talvez não faça diferença quando ela ocorra. Mas o fato de que estamos falando da Terceira Revolução Farroupilha já posiciona o texto no futuro. A decisão é a distância em que estamos deste futuro.

13.07.2015

Finalmente, iniciei o projeto. Creio que fiz bons progressos. Coloquei 17 *post-its* no quadro branco: em cada um deles uma ideia ou uma cena criada para o poema. O contrabando de água; a construção de um poço artesiano resultando na prisão do personagem principal; ter todos os personagens com nomes de rios; a morte do personagem com uma garrafa de água ou com um pedaço de pedra na mão, a mão fechada, endurecida, enviada ao comandante da tropa internacional... Talvez termine o poema deixando muito claro que a **terceira** foi sem dúvida alguma perdida, sem contraditório. Todos perdemos.

14.07.2015

Tenho buscado mapas do Aquífero Guarani, mas são difíceis de encontrar, ao menos, algo que seja de leitura inteligível. Preciso saber onde está a água para que os combates ou as fortificações estejam próximos a ela. Onde está a água proveniente do Aquífero? Vou tentar uma entrevista com algum técnico do governo que possa me indicar caminhos para estas informações.

23.07.2015

Fiz uma reunião na FEPAM (Fundação Estadual de Proteção Ambiental), com o geólogo Leonardo Torres da Silva. Cheguei até ele por intermédio de dois amigos que trabalham lá, o Diego Hofmeister e a Regina Froener. Ele se desculpou por não ser especialista e indicou as faculdades da UFGRS e UNISINOS, onde há profissionais pesquisadores deste assunto. Mas a reunião foi muito proveitosa. Para começar, descobri que o aquífero não é somente a água, é a rocha. Leonardo me presenteou com uma amostra do aquífero: um pedaço de pedra vermelha, porosa, de arenito. Muito li sobre os afloramentos do aquífero. Pensei que eram a água, os rios, os lagos... Pois os afloramentos são as pedras. Perguntei ao geólogo se ele colocaria tropas para proteger estes afloramentos. Ele respondeu que seria o lugar ideal, pois geralmente onde tem afloramento significa que a água está mais próxima do

solo. Então, eu estava certo. Preciso descobrir os afloramentos para pontuar que cidades seriam as indicadas para que a trama se desenvolva. Quanto a mapas: também não encontramos nada que se consiga ter certeza no subsolo de quais cidades está o ouro transparente.

27.07.2015

Para suprir a falta dos mapas que me facilitariam a vida, trouxe um atlas Georama da biblioteca de meu pai (1967) e vou imprimir a área do aquífero (este tipo de mapa existe) sobre o mapa do atlas, num papel manteiga. Assim, consigo saber quais regiões estão sobre o depósito.

28.07.2015

Depois de um dia inteiro chafurdando na internet, consegui uma lista de cidades que certamente estão sobre o aquífero. Entrei em prefeituras, entidades de preservação e selecionei alguns municípios como Campo Grande, São Gabriel do Oeste e Camapuã, no Mato Grosso do Sul; Araraquara, Botucatu e Ribeirão Preto, em São Paulo; União da Vitória, Cândido de Abreu e São Jerônimo da Serra, no Paraná; Lajes e Porto União, em Santa Catarina; Torres e Livramento, no Rio Grande do Sul. No Uruguai, Rivera é uma possibilidade. Pretendo colocar mais cidades gaúchas. Bagé, por estar em todas as revoluções, estará nesta também. A República Riograndense foi proclamada em 1836, no Seival, então distrito de Bagé; o General Netto tem seus restos mortais no cemitério da cidade; mapas revolucionários de 1893 e 1923 mostram a Rainha da Fronteira como ponto fundamental. Tudo isso para dizer que Bagé, minha terra, estará no poema, por merecimento, e não por nepotismo literário.

30.07.2015

O quadro branco está servindo para fazer reuniões de pauta na agência. Depois de colocar os *post-its*, nunca mais voltei a ele. Tentei pensar em mais cenas e não consegui me concentrar. Parece que fico perdendo tempo. Resolvi

começar de uma vez o texto. Fiz duas páginas em verso livre. Repeti seis vezes a palavra água. Pedra, três. Rever.

03.08.2015

Pensei em diferenciar os personagens por tipo de ritmo. O narrador será sempre em verso livre, sem rimas, onde me sinto melhor. Ou seja, o narrador sou eu. Os personagens falarão preferencialmente por quadras, com rimas intercaladas (mas poderão ser dísticos ou sextilhas), sem grandes preocupações poéticas. Estarão mais para prosa rimada. Estas quadras são mais fáceis de musicar, tem maior retenção na memória pela rima, referenciam a linguagem popular, estão mais para a linguagem oral que para a escrita. O contrário acontece para as falas do narrador. Hohlfeldt havia me emprestado o **Cancioneiro da Revolução de 1835** (1981), do Apolinário Porto Alegre, onde se vê as quadrinhas clássicas, com geralmente seis ou sete sílabas métricas:

Senhor Neto não precisa
de cavalo parselheiro,
que tem para seu andar
Bento Manuel Ribeiro.

A ironia me agrada bastante. Quem sabe algum personagem possa assumir esta característica no texto, com humor e leveza?

04.08.2015

Não queria começar a história já dentro da revolução. Estava faltando algum mote para o personagem entrar na trama. Creio que encontrei. A filha faz um pedido muito simples para qualquer pai: *pai, quero água*. E ele, um homem comum, toma uma atitude incoerente, que é a de tentar construir um poço artesiano em sua propriedade. É preso por alta traição e esta prisão poderá ser a centelha para o personagem ser um novo farroupilha.

06.08.2015

Parece um tanto piegas a história da filha. Mas vou deixar por enquanto. Gosto da ideia do diálogo entre pai e filha e dos complementos do narrador:

A aridez do afeto é afluente da lágrima. No asilo de arrependimentos, um cemitério de eternidades. Fronteira vertical, de fundo contrabando. Mas esta frase é muito ruim: Timbre doce em armadura tanto bate até que fura.

07.08.2015

Preciso fazer mais algumas páginas para entregar ao Hohlfeldt. Tenho apenas três escritas. Vou tentar 15 páginas para terça.

11.08.2015

Fiz apenas oito páginas. Vou entregar para ver o parecer do Antonio.

14.08.2015

Tem dias que consigo escrever, tem dias que o trabalho não deixa. Quando parece que consigo caminhar mais rápido, tenho que parar.

31.08.2015

Depois de alguns dias sem tocar no projeto, escrevi mais oito páginas no final de semana. Está tomando forma. Apesar de ainda não ter muito claro para onde estou indo. Mas o fato é que estou indo. Gostei da ideia de colocar uma frase talvez escrita por Bento Gonçalves na parede da cela onde o Piray é preso (batizei o personagem principal com um nome de rio de uma região de Bagé. Piray, em tupi, significa peixe pequeno. Adequado, não?). Tudo indica que foi Bento quem escreveu. Mas poderá não ser o Gonçalves, mas o Manoel. Coloquei um religioso para conversar com Piray. Por que? Religiosos frequentam celas? Precisa ser um religioso? O presídio-forte está sob bandeira brasileira ou internacional? Creio que coloquei um religioso só para falar mal deles.

1º/09/2015

Me sinto (posso iniciar a frase nocauteando a gramática, né?) um tosco escrevendo quadrinhas, parece coisa de colégio. Deve ser trauma. Mas em algumas até que se consegue recolher alguma ideia. *Vimos donos de sementes / indústrias de transgenia / hectares de ração / lavouras de asfixia*. O plantio de soja é um absurdo. A maioria do que se colhe vai virar ração na China. E o volume de venenos aplicados nas plantas mata tudo que tem por perto, escorre para os mananciais e infiltra no solo. Não tem volta. É envenenamento em doses generosas e sistemáticas. E o fato de que os produtores plantam sementes que resultam em grãos que não germinam é outro alarme. Como assim? As sementes têm donos. Os governantes entenderam a gravidade disso quanto à soberania alimentar dos países? Bueno, tenho reunião com o Antonio, agora, às 17h.

08/09/2015

Mais uma semana passou e não consegui tocar no poema. Hoje apenas formatei este diário para apresentar na reunião de orientação no final do dia, às 18h.

10/09/2015

Alterei a data da história: em vez de 2.163 será 2.035.

08/10/2015

Tivemos a Qualificação hoje pela manhã. Não é que eu queira me “gambá”, mas ter Hohlfeldt e Assis Brasil é um tanto luxuoso, não? O professor Assis levantou as seguintes questões:

Tempo: é preciso que seja no futuro? É preciso que se tenha data?

Narrador: ele não contribui para o entendimento da narrativa.

Vozes: estão todas no mesmo estilo poético, seria interessante que cada personagem tivesse o seu timbre.

Hohlfeldt sugeriu que eu pesquisasse o Gil Vicente para as vozes e **Café**, do Mario de Andrade, para a questão do narrador.

Quanto ao tempo, era um problema. Agora, não mais. O tempo está somente no título e em uma breve referência no início. Mas concordo que o texto funcionaria sem menção ao ano.

Meu narrador não é um narrador, é verdade. Não narra, não ajuda no entendimento da peça. É um comentarista ou um palpiteiro. Um locutor em *off*, uma consciência, eu mesmo. Talvez uma mistura entre o David Coimbra e o Carpinejar. Minha nossa, deve ser feia a coisa.

Quanto a vozes diferentes, também concordo. Pensei em resolver isso na composição musical. Veremos.

10.10.2015

Lembrando: Assis Brasil alertou para o tamanho do libreto. Falei que estava pensando em 100 páginas e ele se apavorou. Está certo, isso resultaria em um discurso do Fidel musicado. Libretos são curtos. 20, 30, 40 páginas. Na qualificação, o texto estava com 18 páginas.

25.10.2015

Como ficar imune ao que acontece no país? Como resistir referenciar questões políticas no texto? Se bem que as *maracutaias* sejam atemporais. Cabral, Cabral, que fizeste?

27.10.2015

Hohlfeldt me emprestou as obras completas do Mário de Andrade, onde está o poema **Café**. Entendi a sugestão de leitura. Além de não ter um narrador, os personagens parecem ter todos a mesma voz, tem um ou outro

alevanta, quando falado por estivadores. Mas, de resto, não há uma diferença de léxico ou de sotaque. A não ser em versos muito caricatos, como a cena do jogo de truco:

*Arreda, porteira, aí vai
Os peitos de Zé Migué
Laranja não tem caroço
Jacaré não tem pescoço
Truco de baralho velho!*

Algumas palavras e resultados poéticos não parecem adequados à descrição dos personagens, como quando as companheiras dos estivadores cantam:

- Eu tenho fome! Meus braços já se armam na ordem fatal da maldição!
- Eu tenho fome! Na minha boca nasce a palavra da decisão!

Mário de Andrade faz, antes do poema, uma detalhada descrição dramática que contribui para o entendimento da trama. Me parece que ele também pensou no texto relacionado com a música, pois versos de truco são específicos e a embolada, que dá título a um texto, determina o ritmo e a forma da composição. Este foi o meu pensamento inicial, o de fazer na música a diferenciação. Por isso, o poema terá verso livre, quadras, *payada* e trova.

30.10.2015

Email do Hohlfeldt dizendo que o prazo de entrega do texto final é início de dezembro. Misto de alegria e síncope cardíaca.

Sensação de que plagiei todo mundo, Jayme Caetano Braun, Jaime Vaz Brasil... As melhores passagens não parecem ter sido escritas por mim.

A filha volta ao texto?

Alterei *narrador* para *comentarista*.

31.10.2015

Pensei em usar alguma voz nortista, mas a estrutura do cordel é muito próxima da *payada*. O cordel, em geral, usa seis versos. A *payada* usa seis, oito ou dez versos. Então, estruturalmente, não haveria diferença. Cairia no mesmo problema de diferenciação de voz.

02.11.2015

A questão do gauchismo, do gaúcho idealizado, talvez seja tão importante quanto o tema da água. Li o **Martín Fierro** (este é o título da versão em português) na tradução do Antonio Augusto Fagundes, a qual não recomendo. Mas o prefácio do professor Fischer é muito bom. Nele, aprendi que a tradição literária, conhecida como *gauchesca*, teve seu primeiro registro em 1777, em Buenos Aires, com o poema do padre Juan Baltasar Maziel intitulado “Canta un guaso en estilo campestre los triunfos del Excelentísimo Señor Don Pedro de Cevallos”. Mas podemos dizer que a inauguração do gaúcho, como elemento de *nacionalidade*, deu-se em 1879, com **El gaucho Martín Fierro**, de José Hernandez, publicado na Argentina em 1879. Para mim, difere consideravelmente do nosso gauchismo contemporâneo, pois é um texto que não se ufana do passado: mostra os problemas enfrentados pelo homem do campo no contexto do caudilhismo vigente.

Pensando nesta questão do gaúcho, fui ao site do Movimento Tradicionalista Gaúcho, entidade que conheço apenas das polêmicas via imprensa. A loja virtual do MTG (<https://lojafcg.nuvemshop.com.br/>) oferece os seguintes títulos: Missioneirismo; Coletânea da Legislação Tradicionalista; Conversando sobre cavalos; Doma. Treinamento do cavalo crioulo; O folclore da mulher; e a **Bibliografia obrigatória completa de cursos de prendas e peões**, contendo os seguintes 28 livros: **ABC do tradicionalismo**, de Salvador Fernando; **Mitos e lendas do RS**, de Antônio Augusto Fagundes; **Cevando o mate**, de Glênio Fagundes; **Símbolos cívicos do RS**, de Ivo Benfato; **História do RS para jovens**, de Roberto Fonseca; **Indumentária gaúcha – Diretrizes atuais**, do MTG; **RS no imaginário social**, do MTG; **Folclore na escola**, de

Neusa Secchi, **O folclore da mulher**, do MTG; **1º Fórum Tradicionalista/ 35 Anos do MTG**, do MTG; **35 CTG pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho**, de Cyro Dutra Ferreira; **Benedeiras e benzeduras**, de Elma Santana e Delizabete Seggioratto; **Campeirismo gaúcho – Orientações gerais**, de Cyro Dutra Ferreira; **História do chimarrão**, de Barbosa Lessa; **Coletânea da legislação tradicionalista**, do MTG; **Mala de garupa**, de Raul Annes Gonçalves; **Contos gauchescos**, de João S. Lopes Neto; **História do Rio Grande do Sul**, de Antonio Augusto Fagundes; **Danças tradicionais gaúchas**, do MTG; **História do Rio Grande do Sul**, de Moacyr Flores; **RS: História e identidade**, de Manoelito Savaris; **Tropeirismo no Brasil**, de Moacyr Flores; **O cavalo no folclore do RGS**, de Liliam Argentina Marques; **Manual de tradicionalismo gaúcho**, de Manoelito Carlos Savaris; **MTG 40 anos: raiz, tradição e futuro**, organizado por Paulo Roberto de Fraga Cirne; **Nossos símbolos, Nosso orgulho**, publicação do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore; **Rio Grande do Sul, aspectos do folclore**, de Lilian Argentina Marques e outros; **Lendas do sul**, de João Simões Lopes Neto.

05.11.2015

O gaúcho bravateiro, folclórico, quis colocá-lo na trova. A trova é um tipo de chula cantada, é um desafio entre dois cantores. E Mato Grosso, por onde passa o afloramento, também é reduto de agricultores que saíram do Rio Grande do Sul, nas décadas de 1970 e 1980.

07.11.2015

Confesso que fiquei surpreso com a listagem do MTG. Depois, lembrei que é através de uma prova que se define a primeira prenda do RS. Mesmo assim, isso ficou incomodando.

É imperioso fixar nosso DNA: saber de onde descendemos retira alguns miligramas de inquietude humana, na busca das verdadeiras origens. Mas manualizar o gaúcho parece paradoxal. Aos preceitos de liberdade mitológica do campeiro, se agrega uma tábua de mandamentos? Mas como não fazê-lo, se este é o processo natural de criação de identidade?

Porém, a tradição não seria um curso de rio, hospitaleiro a seus afluentes, tão necessários para renovar a força da correnteza e ampliar o alcance de suas águas? Qual seria o cânone ideal para o Movimento Tradicionalista Gaúcho? Uma coleção aberta de autores dos séculos XIX e XX, miscigenados com pensadores do século XXI, ou um impossível livro único, de um autor idealizado, criado e desenvolvido por um comitê? Sou gaúcho, da fronteira com o Uruguai, da pampa, mas sinto sempre um aroma de religião por parte de alguns megagaúchos, os que são mais gaúchos que os outros.

08.11.2015

O escritor Aparício Silva Rillo, cuja obra não consta das recomendações do MTG, escreveu o seguinte poema – “Gaúcho Bronze” - sobre a estátua-ícone do laçador, monumento ao homem-mito que personifica o estado do Rio Grande do Sul:

A quem vem
pela estrada do Norte,
Ali,
onde a estrada da morte e do corte
se abre em forquilhas
no asfalto das ruas
e das perimetrais.
Ali,
uma estátua plantada bem alta
modela no bronze
o gaúcho ideal.
Olhar no horizonte,
a vincha na frente,
o laço na mão...
A guaiaca
cingindo a cintura
tirador de capincho,
a bombacha de brim.
Nas botas
garrão de potro
as rosetas da espora
são d'alvas da aurora
estreladas no chão.
Porém o gaúcho
– o homem da regra,
não o da exceção –
se pudesse
com mãos de alavanca
romper o casulo
do bronze onde está,

mostraria
 a quem sabe vê-lo
 que ele, o modelo,
 jamais foi assim...
 que o bronze é a mentira
 entre o não e o sim.

O poema de Rillo é uma dissonância ao discurso hegemônico tradicionalista. A desconstrução da identidade dogmática do gaúcho, envolvendo uma visão social do homem do campo, enriquece o imaginário gauchesco com a possibilidade de existir outras verdades para o pensamento religioso que alicerça o gaúcho lendário. Neste sentido, se irmana ao **Martín Fierro** de Hernandez. Em tempo: **Martín Fierro** também não está na lista do MTG.

14.11.2015

Dias sem escrever. Dia preguiçoso, tentei começar ouvindo música. Algumas árias e discos clássicos nativistas. Não escrevi nada. Mas reafirmei a convicção de que é inegável a contribuição do Rillo na aproximação da temática campeira com a urbana, principalmente através de suas participações na Califórnia da Canção Nativa em parceria com Mário Barbará: as composições “Era uma vez” (“Era uma vez um potrinho baio, era uma vez um negrinho só...”) e “Colorada” (“quem mata chamam bandido, quem morre chamam herói. O fio que dói em quem morre, na mão que abate não dói...”) são exemplos de releituras contemporâneas da lenda do Negrinho do Pastoreio – definitiva na versão de Simões Lopes Neto - e das bárbaras degolas da revolução federalista de 1893.

15.11.2015

Poderíamos pensar a tradição como cláusula pétrea, entidade imutável, caso o organismo social não fosse um sistema de contextos sobrepostos.

O poema não está ficando nem perto do que imaginei que faria, há uns 10 anos. Pensei que seria algo épico, cheio de batalhas heroicas. Nada disso.

17.11.2015

Ao discorrer sobre memória individual e coletiva, em **A memória, a história, o esquecimento**, Paul Ricoeur não concorda com uma simples polarização entre elas, mas sugere uma “tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros”. Nossa história não é somente nossa, não há certidão em cartório, somos apenas posseiros, usuários e usurários.

21.11.2015

Fiz a *payada*, nunca havia feito. Gostei do resultado. Usei no final uma “lição” que meu pai dizia ao sair para o campo: não andem em fila indiana, a cruzeira pica sempre o segundo da fila. O primeiro desperta a cobra, pisa nela, e ela arma o bote para o próximo que passar.

23.11.2015

Dúvida sobre o “George Custer”, no início da *payada*. A ideia é boa, uma analogia entre o colonizador americano-europeu e os índios brasileiros que somos. Mas a colocação deste nome me pareceu um tanto forçada. Queria um famoso militar americano ou russo ou alemão, claramente estrangeiro, para dar nome ao aqueduto.

26.11.2015

Resolvi a questão da descendência de Piray, que não havia ficado confortável para mim. Por que ele havia sido o escolhido? E os descendentes de Bento Gonçalves, de Canabarro e dos outros? Pois bem, ele não é o escolhido, é apenas mais um. Há vários outros descendentes, inclusive de outros países sul-americanos. Os descendentes de Bento devem estar nesta fraternidade que batizei de Perpetuários, uma espécie de maçonaria genética.

05.12.2015

Imprimi o que fiz até agora. Há passagens que me agradam bastante; outras que, ao escrever, achei ótimas e agora não entendo o que quis dizer. *Prêt-a-porter da metáfora*, por exemplo. O Quintana dizia que se um leitor não entendeu um poema é sinal que um dos dois é burro. Então, qual dos dois de mim sou burro?

06.12.2015

Acho que me entendi. *Prêt-a-porter da metáfora*: frases feitas, elogiosas, que caem bem em qualquer obra ou pessoa. Uma indústria de elogios, visto que estamos falando de memória e biografia.

07.12.2015

Na primeira leitura que fez do texto, Hohlfeldt havia marcado duas estrofes mas esqueceu sobre o que seria o comentário que faria. Creio que entendo o que seria: as estrofes são citações de cidades por onde passa o afloramento do aquífero.

*Percorre desde São Paulo,
Ribeirão Preto, Botucatu,
Torre de Pedra, São Carlos,
Brotas e Trabiju.*

*No Paraná, São Jerônimo
deve estar na trajetória.
Reúne homens e acampa
em União da Vitória.*

São dispensáveis mesmo. Mas, por outro lado, é um roteiro por onde o personagem Piray deverá passar com sua coluna.

08.12.2015

Combinei de entregar o texto fechado até esta sexta-feira, 11 de dezembro. Então, é reler o que tenho e ajustar o que der.

09.12.2015

Creio que o libreto ficará com 40 ou 50 páginas. Sensação de que o texto está com muitos saltos, que faltam passagens de nível. Em cinema, teríamos muitos cortes secos, em vez de lentas fusões. Talvez seja inabilidade, talvez seja a necessidade de reduzir o tamanho para caber em pouco mais de uma hora de espetáculo.

10.12.2015

O final parece final? Ou é o gancho para **A Terceira Revolução Farroupilha**, parte 2? É um final pensado ou um final pelo prazo que termina?

11.12.2015

Doei o quadro branco.

4 BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. **A Noite de São João**. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1860.

ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. São Paulo: Martins Editora, 1966.

ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. **A guerra dos farrapos**. Rio de Janeiro: Andersen Editores, ano desconhecido.

BRAUN, Jayme Caetano. **Paisagens perdidas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

BRAUN, Jayme Caetano. **De fogão em fogão**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

BRITO, Francisco de Sá. **Memória da Guerra dos Farrapos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1950.

FLORES, Elio Chaves. **No tempo das degolas: Revoluções imperfeitas**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

FLORES, Moacyr. **Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

FLORES, Moacyr. **1893-95, A revolução dos maragatos**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 1993.

FONTOURA, Antônio Vicente da. **Diário**. Porto Alegre: Sulina / Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **A Revolução Farroupilha. Narrativa sintética das operações militares**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1939.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre sitiada (1836-1840): Um capítulo da Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

GALETI, Paulo Anestar. **Conservação do solo – Reflorestamento – Clima**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1973.

GIDE, André. **Diário dos moedeiros falsos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

LIMA, José Carvalho. **Narrativas militares: A revolução do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Casa dos Livros, 2009.

HAURÉLIO, Marco (Organização). **Antologia do cordel brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

HERNÁNDEZ, José. **Martin Fierro**. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2012.

HOMERO. **Ilíada**. São Paulo : Penguin Classics, 2013.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Lições da Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do RS, 1995.

PESAVENTO, Sandra; DACANAL, José Hildebrando (org). **A Revolução Farroupilha: História & interpretação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PORTO ALEGRE, Apolinário José Gomes. **Cancioneiro da Revolução de 1835**. Porto Alegre, Companhia União de Seguros Gerais, 1981.

QUINTANA, Mario. **Do caderno H**. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SPALDING, Walter. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Nacional; Brasília : Ed. Universidade de Brasília, 1982.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1998.